

Pesca artesanal na Ilha Dianna e meio ambiente: Um estudo de caso

Márcia do Vale¹

RESUMO: O presente artigo enfatiza as mudanças ocorridas na comunidade da Ilha Dianna, área continental de Santos (SP), uma das últimas colônias estuarinas de pescadores da Baixada Santista. A tradição da pesca vem diminuindo com a modernização, resultado de alterações socioeconômicas e culturais que tem levado moradores dessa comunidade em busca de novas atividades econômicas. A atividade pesqueira é uma forte característica das populações litorâneas, que possuem uma relação peculiar com o meio ambiente marinho. Este tipo de ambiente está constantemente sujeito aos impactos industriais de grandes projetos privados e ao esquecimento das políticas públicas.

INTRODUÇÃO

Trata-se de um estudo socioambiental sobre os habitantes da Ilha Dianna e a relação que eles têm com a pesca artesanal. Situada na área continental de Santos, litoral sul do estado de São Paulo; a Ilha Dianna é localizada na Foz do Rio Dianna. Os moradores são descendentes de famílias que passaram a residir nesse local após a necessidade da construção da pista de pouso da Base Aérea de Santos, por volta da década de quarenta, e tinham como economia principal as atividades vindas da pesca artesanal.

Por meio desta pesquisa foi possível diagnosticar as poucas atividades pesqueiras que ainda são desenvolvidas na comunidade e como os moradores lidam com a mudança ambiental do local. Apesar do progresso e da diminuição dessas atividades, que são transmitidas de geração em geração e que persiste no ensinamento da pesca artesanal aos mais jovens. A identificação da cultural e dos conhecimentos sobre o ambiente marinho e sobre o mangue local foi presenciada durante as atividades de trabalho, lazer e da vida cotidiana. Embora a pesca artesanal, neste século, não seja mais a principal fonte de renda, sendo para muitos moradores apenas praticados em dias de lazer, os habitantes mencionam o respeito e a reverência sobre o mar.

De acordo com Diegues (2004), as sociedades humanas estabelecidas desde os tempos imemoriais, relacionaram-se com os seres vivos do mar por meio de práticas materiais e simbólicas. Neste caso, a relação se estabeleceu pela pesca artesanal que é uma tradição transmitida de pai para filho, como uma continuidade da cultura local, onde Bauman (2003) coloca como um entendimento de tradições que são passadas de geração a geração, e mostra uma forma de guardar características próprias dos hábitos da comunidade firmando uma identidade. Podemos afirmar que a pesca artesanal é o retrato da cultura popular de uma região, com hábitos de perpetuação de costumes para as futuras gerações, configurando a identidade local.

¹ Doutora em Ciências Sociais pela PUC de SP, Mestre em Educação pela Unimarco e Prof.^a titular da UNISANTA – Universidade Santa Cecília. Gestora de Educação Básica e Rondonista. E-mail: <marciavale@litoral.com.br> Av. Presidente Wilson, 538 apto 93 – São Vicente – SP. CEP.: 11320-001. Tel. Res.(13) 3568-3143. Com. (13) 3468-2924. cel.: (13) 7808-6826.

Essas considerações, segundo Diegues (2004), foram desenvolvidas pelos pescadores com grande tradição marítima em suas formas de apropriações socioeconômicas e culturais do meio ambiente do mar que apontam para uma crescente separação entre as comunidades de terra e as comunidades de mar.

Existe no mundo cerca de 10 milhões de pescadores artesanais, responsáveis pela quase metade da produção pesqueira, seja em águas costeiras, litorâneas ou águas interiores. (DIEGUES, 2004)

Com o crescimento da sociedade urbana e industrial, certas comunidades pesqueiras sofrem com as mudanças introduzidas em suas rotinas, com isso muitas vezes as características locais da cultura vão se dispersando ou se remodelando ao estilo da vida pós-moderna. Conforme Renato Ortiz (2001) nos descreve, a riqueza material e a riqueza cultural são desta forma, consideradas em paralelo numa sociedade que se expande e se transforma.

Faz sentido pensar que as relações entre homem e natureza, “no mundo cultural e socialmente globalizado a cultura caiçara se transforma, frequentemente, em mercadoria para consumo de turistas e populações urbanas à procura do exótico e do diferente, como a culinária, a música, entre outros.” (DIEGUES, 2006).

Por meio da pesca artesanal é possível reconhecer os costumes das comunidades pesqueiras, tal atividade mantém as famílias nessas regiões, dando continuidade aos costumes e tradições, desta forma a cultura local permanece não se sabe até quando.

Os estudos de Diegues (2006) nos relevam que o patrimônio imaterial caiçara é rico, com celebrações, festas e mutirões. Ainda que fazendo parte das festas agrárias, ligadas ao mundo rural, como exemplo o mutirão, muitas delas são realizadas em áreas sub-urbanas onde hoje vivem muitos caiçaras, recriando e reafirmando novas formas de sociabilidade.

Ao vivermos em uma sociedade promotora de um modelo de desenvolvimento que imprime uma forma de relação entre sociedade e natureza, o olhar sobre o meio ambiente fica fragmentado, fazendo com que desapareçam locais como a Ilha Dianna.

A comunidade da Ilha Dianna foi escolhida para realização da presente pesquisa por ser uma comunidade que tem preocupações com a preservação do ambiente em que vivem com o receio que as gerações mais novas não venham a conhecer os ensinamentos sobre o mar e os peixes. A estreita relação dos pescadores com o ambiente demonstra a relação de respeito aos ciclos naturais de procriação com explicações míticas e religiosas. É importante analisar o sistema de representação e símbolos que as comunidades de pescadores constroem em sua relação com o meio ambiente.

ENTRE O PROGRESSO E A TRADIÇÃO

Para se entender o processo material de produção é essencial se levar em conta os mitos e símbolos usados pelos pescadores para representar o mar e os seres que ai vivem. (DIEGUES, 2004)

De acordo com AGEM (Agência Metropolitana da Baixada Santista – 2006/08) as áreas de manguezais são encontradas nas partes planas e ao longo do canal de Bertioga, onde os rios Dianna, Sândi, Iriri e Quilombo, cortam seu percurso. Nessa região continental existem comunidades de características rudimentares, que exercem atividades artesanais como é o caso da pesca.

Entre o Canal de Bertioga e a Foz do Rio Dianna está a Ilha Diana de propriedade da Marinha/União e mede 320 mil m². O acesso a Ilha se dá por via marítima, ao atravessar o canal do estuário de Santos e seguir em direção da confluência do Rio Dianna; a vinte

Revbea, Rio Grande, 6: 71-75, 2011.

minutos do centro de Santos. Segundo dados não oficiais a população da Ilha em 2008 é de 153 habitantes, distribuídos em quarenta e cinco famílias.

Essas famílias exercem atividades pesqueiras artesanais, característica que vem diminuindo com o passar dos anos devido ao desinteresse dos mais jovens. Após cursarem o quinto ano (antiga 4ª série), as crianças começam a manter contato com adolescentes que residem em Vicente de Carvalho e Guarujá; é nesta época que o desinteresse pela pesca surge em virtude de almejarem outras fontes de renda e empregos.

A Ilha Dianna possui uma vasta área de mangue e Vanucci (1999) afirma que o nome mangue é um substantivo coletivo que designa um ecossistema formado por uma associação muito especial de animais e plantas que vivem na faixa entre as marés das costas tropicais baixas, ao longo de estuários, deltas, águas salobras interiores, lagoas e lagoas.

A palavra mangue em português serve para designar árvores de diferentes espécies e a palavra manguezal é utilizada para designar o conjunto de árvores, ou seja, a comunidade em si, o ecossistema de mangues.

Na Ilha Dianna algumas aves são encontradas beneficiando-se da fauna e flora da região, entre elas os guarás, garças e socós. Há também esporadicamente o aparecimento de mamíferos comuns a essa área, como as lontras. De acordo com informações dos próprios moradores da ilha, esses mamíferos vem desaparecendo nos últimos dez anos.

A preocupação dessa comunidade residente na ilha é com as áreas de manguezais, já que a extração de organismos para venda faz parte da renda familiar. Comer os mariscos, caranguejos e camarões se tornaram uma raridade. Isso é um fator preocupante em uma comunidade como a Ilha Dianna, uma vez que não há vizinhos. Não são apenas os moradores atingidos, mas os animais que se alimentam de peixes sofrem com essas condições.

“O modelo econômico brasileiro das últimas décadas, concentrador de renda, voltado para exportação de grandes empresas veio acentuar o abandono da pequena produção tanto agrícola quanto pesqueira, em particular a pesca artesanal.” (DIEGUES, 2004).

Sobre o modelo econômico citado por Diegues (2004) e a circunstância pelas quais as comunidades pesqueiras, em particular a Ilha Dianna, vem sofrendo a ação transformadora que afasta dos jovens a tradição pela pesca e os coloca em contato com outra realidade que produz o sonho pelo consumo. Não apenas o desinteresse das novas gerações pela atividade pesqueira, mas o próprio pescado tem diminuído devido à degradação ambiental, onde os diversos impactos tornam a quantidade de peixes cada vez menor.

A relação dos pescadores da Ilha Dianna com a pesca tem início na infância entre oito e doze anos, uma prática passada de pai para filho. Para os pescadores mais velhos, a profissão é entendida como um conjunto de conhecimentos e técnicas que permitem ao pescador se reproduzir enquanto tal. Esse controle da arte da pesca se aprende com a experiência e com eles se aprende também a representação simbólica do mundo natural que se traduz pelo respeito às leis que regem o mar e seus recursos.

Os pescadores utilizam suas próprias chatinhas para pescar; feita em madeira, não utilizam motor e, fazem sua locomoção a remo. Eles se baseiam nas marés para poder pescar, porque o objetivo são os peixes, camarões ou a retirada de mariscos, ostras, caranguejos, entre outros.

Aqui existe a demonstração clara do respeito ao meio ambiente e a preocupação que hoje reside na Ilha que é a dos crustáceos não mais existirem e como eles mesmos falam virar uma lenda. Nesse cenário, o papel que desempenha a educação ambiental pode redefinir a extinção desse ecossistema.

CONCLUSÃO

Ao escolhermos revelar alguns dos dados encontrados nessa pesquisa, sabíamos do desafio que seria divulgar a realidade de uma comunidade em transformação, mas assim mesmo foi possível constatar o percurso traçado pela modernização e pelas dificuldades vindas das falhas em relação à responsabilidade social e ambiental.

Para Langowiaki (2006), o homem do litoral, por sua índole humilde e espírito conformado, é temente a Deus por tradição e hábito, misturando os poucos conhecimentos religiosos com crendices e superstições nas quais acredita piamente.

Ao observar os costumes locais, confirmamos que a modernização é o principal fator que causa uma remodelação no perfil das comunidades. Esse fator é percebido entre os membros mais jovens que passam a consumir tecnologia e bens móveis, desta forma passam a vislumbrar um futuro econômico diferente daquele que seus pais podem oferecer e com isso se afastam da pesca artesanal.

Como a pesca artesanal já foi a principal atividade econômica da Ilha Dianna, a percepção da atual situação levou a compreensão do desinteresse da parcela jovem dessa comunidade. Se a sobrevivência por meio da pesca artesanal não é lucrativa nem ao menos interessante, isto é, envolvida nos itens atrativos da modernização urbana, certamente jovens estarão distantes de suas tradições.

A dificuldade de viver da pesca é sentido por todos os moradores, tanto aqueles que tem apenas essa atividade como renda, como aqueles que a executam paralelamente com outras atividades, isso acrescido às conseqüências dos impactos ambientais.

Diante do exposto podemos afirmar que em um curto espaço de tempo essa comunidade tende a desaparecer e com ela a pesca artesanal. Vimos ainda que a implantação de uma empresa de grande porte nas proximidades da Ilha Dianna é um grande problema dentro da comunidade, dividindo interesses e opiniões entre as gerações. Ainda nos utilizando de Diegues e dos seus estudos, as questões ambientais e, em particular, aquelas relacionadas à preservação da natureza marinha está entre as mais críticas para a humanidade neste novo milênio, pois afetam as condições de sobrevivência da vida na terra e as relações entre grupos sociais.

Mesmo com a lenta dispersão da transmissão dos valores dessa comunidade, a pesca artesanal mantém participantes as gerações mais novas. Cada lugar possui valores específicos e não há característica única para avaliar todas as populações. Essas diferenciações precisam ser focadas e bem entendidas e só desta forma haverá a obtenção de conhecimentos suficientes para retratar adequadamente a realidade de cada comunidade.

Segundo Jean-Pierre Leroy e Tânia Pacheco (2006), in *Pensamento Complexo, Dialética e Educação Ambiental*, tudo isso nos conduz a continuar esta reflexão sobre a educação ambiental e como ela deve acontecer em cada local do planeta, onde cada local deve ser analisado, estudado, respeitado e cuidado nas suas diversidades.

É preciso um trabalho efetivo para que essa comunidade não venha a desaparecer como outras já desapareceram. Ao término desse artigo gostaríamos de transmitir o sentimento de responsabilidade social/ambiental para que áreas como a Ilha Dianna não venham a fazer parte do passado.

REFERÊNCIAS

AGEM. **Agência metropolitana da Baixada Santista**. Indicadores metropolitanos da Baixada Santista.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução Plínio Dentzin. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Identidade**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DIEGUES, A. C. **Pesca construindo sociedades**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2004.

_____. **O patrimônio cultural caiçara**. Enciclopédia Caiçara. São Paulo: NUPAUB/CEG: Hucitec, 2006. vol. 5.

_____. NOGARA, P. J. N. **O nosso lugar virou parque**. Estudo Socioambiental do Saco de Mamanguá. Rio de Janeiro, Parati. 3. ed. São Paulo: NUPAUB/USP, 2005.

LANGOWISKI, V. B. R. **Contribuição para o estudo dos usos e costumes do praieiro do litoral de Paranaguá**. Enciclopédia Caiçara. São Paulo: NUPAUB/CEG: Hucitec, 2006. vol.4.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; LAYRARQUES, Phillippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de. **Pensamento Complexo, Dialética e Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Conselho Nacional do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/Conama>>. Acesso em: 15 jan. 2009.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e Indústria cultural**. 5. ed. 3. impressão. São Paulo: Brasiliense, 2001.

VANUCCI, M. **Os manguezais e nós: uma síntese de percepções**. Tradução Denise Navas Pereira. São Paulo: EDUSP, 1999.